

# MEU ALUNO!...

Estado -  
9-6-46 MARIA ISABEL SILVA CAMARGO

Foi ontem que isso aconteceu. Eu vinha triste pela rua. Um desani- mo me invadia como uma chuva de pedra num cafezal ressequido. A vida estava tão difícil. O pão nosso tão loiro e fácil nos outros tempos era agora tão escasso e negro!...

Quatro garotinhos me esperavam em casa e o meu dia trabalhoso de pobre professora não me havia deixado tempo de sobra para um lugar na fila que contornava três vezes o quartelão.

Voltava pois para casa com as mãos vazias, sem pão para os meus filhos. Uma revolta surda estalava em meu intimo como uma onda bravia arrebatando num Recife de pedra bruta!

— "Que me valeram os anos de sacrificio?" — Lembra-me de dez anos atrás, quando professorinha roceira trazia em minha alma mocidade e sol! Naquele tempo eu cortava as estradas frias no "Saino", velho cavalo que um aluno en- d'abrado apelidara e "Arranca-To- cos"...

Uma saudade imensa veio-me da minha primeira escola. Ficava lá longe, na "Figueira", pequenina vila, de terra muito vermelha e casas esburacadas. Eu morava perto dali, na "Fazenda Serra", que pertencia a um irmão de meu pai. Pelas manhãs orvalhadas eu e "Saino" furávamos as estradas lambidas de neblina com a força de um tufão. Eu, como professora esforçada, que- rendo chegar cedo á escola para en- cher de letras e numeros o quadro negro. Ele, como cavalo brioso e guloso, querendo mostrar que valia tanto como qualquer cavalo de cor- rida e tambem pensado no molho de capim que infalivelmente o João Pretinho trazia todos os dias para o "cavalo da professora"... (como dizia a criança da sua linguagem engraçada e sem malícia que eu inúmeras vezes tentara inutilmente corrigir!...)

Lembra-me tão bem da Nin- nha, menina de rosto pintadinho como banana nanica madura, que me levava grandes alfaces tenras e repolhudas. Uma vez essa menina "Pedro Malasartes" da classe apañou um carrapato bem mesmo na palpebra, entre os clios. Eu nota- ra que a pequena andava meio "Camões" na escola, mas pensara que fosse dor d'olhos, mal tão com- mum em nossas crianças de sítio...

Eis que um belo dia aparece-me na escola a mãe da Nininha, tra- zendo-a pela mão. Quase chorando, a pobre mulher conta-me o que tem a filha que de modo algum quer se ver livre daquele incomodo aracnídeo.

O pai, o Santinho, o unico cho- fêr da praça, já ameaçara a filha com umas boas chineladas, mas não conseguira nada da menina.

A mãe aflita lembrara que quem sabe a "d. professora" poderia fazer alguma coisa, pois a menina gostava tanto da d. Maria...

Vi-me de repente transformada em um "Miguel Couto" e o pior é que eu não poderia fugir de for- ma alguma daquele pedido feito com tão boa fé!

Encomendei-me á Virgem Apare- cida, mas de repente lembrei-me de que trouxera em minha bolsa uma pinça de arrancar sobancelhas. Mandei ás pressas o Cristallinho á farmacia do "Cristallino Pai" bus- car alcool. Desinfetei bem a pinça e com as mãos tremulas daquela minha inesperada intervenção cir- urgica, iniciei a minha primeira operação.

Nininha confiante e engraçada veio para mim como o cego para o Cristol...

Minutos depois eu tinha na pon- ta da pinça um gordo e redondo carrapato...

Depois dessa, quantas outras ope- rações, curativos e galos eu tive que fazer ou encharcar de lodo?...

Todo aquele passado vinha-me aos olhos num sonho!... Sentia mesmo o cheiro bom dos campos e o ven- to das corridas no "Saino" batendo-me no rosto afoveado. Um mundo de pequeninos rostos infantis de grandes olhos luminosos que eu descerrei para os livros mostrava-se em minha frente como um calei- doscópico vivo.

No entanto de que valera toda aquela minha vida de sacrificios?... Depois daquela primeira escolinha, quantas outras me passaram pelas mãos?... A do "Taboleiro", a do "S. João do Bonfim", a de "Sta. Adelia", a de "atambé", "Gavião Peixoto" etc...

Eu que sonhava fazer tanta coisa na vida, apenas havia ensinado a ler, escrever e contar a uma cen- tena de crianças e nada mais!...

E sempre a mesma dificuldade em tudo. Lá no interior, no começo de minha vida de magisterio, ainda havia o "Arranca-Tocos" para me levar á hora certa á escola sem mesmo cobrar a condução! Agora aqui era o bonde, o onibus, o auto- lotação, que roubavam da boca de meus filhos o tomate necessario, e as "filas de pão" que arrancavam meus alunos de minhas aulas!...

Confesso que me arrependia amargamente de haver estudado para professor. No meu "eu" se desenhava uma interrogação que me faz corar agora: — "Ora afinal qualquer um ganha muito mais do que a gente: um operario, um con- dutor, um guarda, um servente, que não precisa aparentar nem au- dir mais ou menos bem vestido, que pode muito bem usar um ma-

cação e ninguém repara, tem um ordenado que compensa; ao passo que o professor?..."

La encofada messas idéias quan- do resolvi entrar em um bar Pa- ra comprar uns biscoitos para meus filhos. Coitados, eles me esperavam pensando em pão; no entanto em la levar-lhes uns ma- gros biscoitos de polvilho.

Entrei no bar e enquanto espera- va minha vez de ser atendida vi minha atenção despertada por um jovem soldado, quase imberbe, de vinte anos quando muito. O que me chocava era que ele não tinha uma perna; apoiava-se em muletas, porem não parecia fazer muita conta disso, pois os seus olhos azuis falcavam de alegria e a sua boca sadia cantava um bino de gloria á vida, com seus trinta e dois solidos dentes.

Qualquer coisa longinqua, qual- quer coisa conhecida me comovia naquela fisionomia moel e bonita. De repente espanto-me: os olhos do jovem soldado voltam-se para mim; noto que um clarão brinca- lhe nas pupilas cor de céu, e vêm-me a lembrança um rostinho muito meu conhecido, de menino vivo e engraçado, que se sentava em uma das carteiras da frente de uma das minhas escolas... Não me recordava do nome dele, nem em qual de minhas escolas ele fora meu aluno; mas veio-me á alma uma certeza firme de que fora eu quem lhe ensinara a ler!...

Vejo-o caminhar claudicando e feliz para o meu lado. Ele tambem me conhecera; pisca os olhos co- mo nos momentos de intensa emo- ção e nesse tic original eu o re- conheceo.

— "E' o Batistela!" — o meu pe- queno e terrível "Batistela", o ga- roto end'abrado da minha primei- ra escola da "Figueira"... aquele mesmo que despencara da manguei- ra do "Padre" e fizera um grande rasgão na perna, bem mesmo em cima do joelho.

Volta-me á aflição de dez anos atrás, quando o socorrera. Lembro-me até de que ele ia abrir a boca num choro de dor quando eu a fe- chei com estas palavras: — "Um homem não chora" — e o menino ficava mudo e palido enquanto eu lhe curava o rasgo profundo. Lem- bra-me até que ele faltara uma semana toda com febre alta e que eu o visitara todas as tardes, in- felizmente porem não fora nada e o pequeno diabrete voltara de no- vo para a escola mais, "saci-peré- ré" ainda.

Não me contenho mais: vou ao seu encontro.

— "Dona Maria, a senhora tam- bem me reconheceu?... Sou eu, aquele garoto terrível que despencava como fruta madura das mais altas mangueiras!... Eu queria tanto me encontrar com a senho- ra, queria lhe contar que tambem estive nesta guerra. Quando perdi a perna, (comovido me mostrava aquele "toco" que noutros tempos fora a perna mais trepadeira do mais terrível moleque!...) quando o estilhaço de granada levou-me pelos ares eu lembrei-me da esco- lina da "Figueira". Lembrei-me da minha cartilha, da canaquinha azul de florinhas vermelhas em que eu bebia agua do meu tombo da mangueira, da senhora me curando e dizendo: — "Não chore; um homem não chora..." — Não chorei dona Maria, apesar de ter doído muito, de eu ter rasgado de todo a minha perna, rasgão para sempre, pois nunca mais a terei!..."

Vim em pé no onibus 17 da Acli- mação e vagam toda e não senti- til... Sentia só, dentro de mim, o orzullo de ser professora, de ter tido tantas almas como aquela em minhas mãos. De ter curado tan- tas machucaduras e ter posto sal em tantas bestas feridas!...

Mãe Deus!... como eu, uma sim- ples professora, fora lembrada numa hora daquelas, hora em que ele, o meu pobre aluno, sofria tan- to, e lhe conseguia secar as la- grimas dos olhos?... Hora em que ele se imolava no "Altar da Pa- tria". E lhe tinha posto na alma a certeza de que estava defenden- do um ideal sacrosanto!...

Vim sonhando feliz e orgulhosa o caminho todo. Dentro de mi- nha alma — um sino encantado ba- dalava: — "Meu aluno... meu alu- no... Ele fora meu aluno!..."

Cheguei a casa com essas pala- vras benditas cantando em meu intimo.

Toquei a campainha. As crian- ças, reconhecendo meu toque, cor- reram alvorçadas ao meu encon- tro. As quatro vozes estridentes e garotas acordaram-me do meu lin- do devaneio: — "Mamãe você trou- xe pão?..."

Olhei-os espantada; só aí perce- bi que me esquecera de tudo, até mesmo dos biscoitos!...

Colhi os quatro guris em meus braços e disse-lhes uma coisa que eles não compreenderam e que os fez rirem na inconsciencia da in- fancia, porem que para mim valia mais que todo o pão do mundo:

— Não meus filhos, trouxe nas mãos e no coração só a certeza, o orzullo de que enquanto houver uma humilde escola e um pobre professor neste Brasil, haverá um mundo de esperanças... Que ser professor é uma honra, uma mis- são, um sacerdocio unico e incom- paravel!..."